

1.

INTRODUÇÃO

A presente dissertação tem por objetivo uma compreensão mais ampla do fenômeno literário em vista de uma atualização do seu ensino em nível médio. Para alcançar este fim, a pesquisa analisa algumas das ferramentas teóricas desenvolvidas pela Estética da Recepção e pela chamada Ciência Empírica da Literatura. Estes projetos, elaborados na esfera universitária dos estudos literários, se caracterizam por uma complexidade na construção conceitual que inibe a sua transferência imediata para uma estratégia pedagógica adequada para iniciantes no contato com literatura. Por outro lado, um olhar sobre manuais introdutórios em circulação no Ensino Médio revela a distância entre uma teorização inovadora – e desconhecida – e a possibilidade de traduzi-la numa prática didática capaz de revigorar o próprio ensino.

Nesse sentido, torna-se urgente uma prática didática mais afinada com as próprias expectativas dos nossos alunos que, de certo modo, são muito atentos com as mudanças em curso, no entanto, pouco aparelhados para transformar as suas experiências vividas em conhecimento proveitoso para o seu próprio processo de formação, de que também faz parte, ou deveria fazer, uma socialização literária.

No âmbito desta situação, *Elementos teóricos para o ensino da literatura* objetiva oferecer um caminho de mediação entre uma tradição ainda vigente e propostas de renovação no campo da didática com respeito ao fenômeno literário e às suas formas de historiografia.

O entendimento da escrita de histórias de literatura como tentativa de ordenar a tradição literária pela criação de relações e seqüências temporais implica a articulação de fatos

particulares, eventos, textos e interpretações em conjuntos mais ou menos delimitados que pretendem explicar, ao mesmo tempo, a unidade e a transformação de determinadas formas estéticas, modelos estruturais, padrões culturais e constelações históricas. Deste modo a historiografia literária apresenta-se como espelho das condições de produção e expressão cultural do seu tempo por meio de suas indagações, interesses, procedimentos e métodos. Até hoje considerados material didático indispensável para um contato criativo com textos literários, os manuais historiográficos modernos caracterizam-se por orientações múltiplas e contrastantes, desde a sua aliança com conceitos de nacionalidade, a sua focalização da obra de arte como valor perene desvinculado de contextos sociais até sua ênfase sobre estruturas estéticas em vista de suas funções históricas sociais, concretizadas, por exemplo, em historiografias literárias de perspectiva marxista. O questionamento da escrita narrativa de histórias da literatura, desde o final dos anos 60, e a compreensão do fenômeno literário como sistema social interativo, representam igualmente tendências que demandam novas articulações no âmbito de uma história social e cultural da literatura. Tais condicionantes atuam como pressupostos na própria seleção de determinados textos de uma quantidade incomensurável de obras herdadas pela tradição e controlam, de certo modo, a sua inclusão ou exclusão, estabelecendo e reformulando constantemente cânones literários. Hoje o modelo de uma história da literatura fundada apenas em obras mestras perdeu, além de sua capacidade explicativa, a sua plausibilidade e legitimidade. O ônus desta situação reflete-se na indeterminação de todo um campo de estudos e nos seus efeitos para uma adequada programação do ensino da literatura hoje.

A proposta discutida nesta dissertação, *Elementos teóricos para o ensino da literatura*, entende-se como contribuição modesta para uma reflexão sobre mudanças paradigmáticas ocorridas desde o final de 1960 nos estudos de literatura, na esfera da academia, e sobre a

possibilidade, a oportunidade e os ganhos na transferência de uma parte do novo ideário proposto para a esfera institucional do Ensino Médio, onde se inicia o contato com o fenômeno literário. A investigação não expressa apenas uma curiosidade intelectual, mas um interesse concreto. Na qualidade de professor de Ensino Médio, com longa experiência em diversos colégios particulares, vejo-me hoje confrontado com o dilema de uma prática pedagógica em descompasso com um repertório teórico inovador em discussão e circulação no âmbito universitário dos departamentos de Letras. Não só a constatação do abismo entre uma teorização e uma experiência prática, mas, sobretudo, o desconhecimento quase total, na esfera do nível médio, dos debates que mobilizaram a área disciplinar dos estudos literários acadêmicos nas últimas décadas, transformaram-se para mim em desafio, ainda que de resultado incerto.

A perspectiva de minhas indagações é circunscrita pela escolha de dois projetos, entre outros, responsáveis por uma virada no entendimento do fenômeno literário, marcados, de um lado, pelo diálogo interativo e, de outro, por processos comunicativos contextualizados e historicizados. A escolha, diante um cenário de múltiplas ofertas, se deve, nos dois casos, à clareza na exposição e na sistematização dos pressupostos teóricos que, na obra de Hans Robert Jauss, orientam o seu modelo de uma Estética da Recepção e que, nas pesquisas de Siegfried Schmidt, oferecem um panorama complexo de novas questões numa ótica pragmática baseada na experiência circunstanciada dos agentes envolvidos na comunicação literária. Este último projeto acentua reiteradamente a importância de pressupostos epistemológicos construtivistas na elaboração de uma visão sistêmica da literatura. Esta discussão, no entanto, estará ausente em minhas indagações porque demandaria um investimento desproporcional em reflexões de caráter filosófico que, embora pertinentes, ultrapassam os contornos escolhidos para uma avaliação do potencial prático da proposta

para um projeto pedagógico, ambientado fora da esfera disciplinar da academia e que mantém a interpretação como tarefa básica do ensino de literatura.

Uma importante orientação para as minhas leituras das teorias estético-recepcionais foi o livro de Regina Zilberman, *Estética da recepção e história da literatura*, que me permitiu uma visão comparativa entre os modelos tradicionais de historiografia e a proposta inovadora de Hans Robert Jauss. E no caso do entendimento dos pressupostos do projeto sistêmico desenvolvido no quadro da Ciência Empírica da Literatura, serviram-me de guia diversos ensaios de minha orientadora, Heidrun Krieger Olinto, e especialmente o livro *Histórias de Literatura. As novas teorias alemãs*.

Embora seja minha intenção colaborar com essa dissertação para o esclarecimento de questões teóricas e metodológicas capazes de promover reformulações nas estratégias didáticas atuais, não pretendo superestimar alcances concretos. Neste sentido as minhas reservas e expectativas diminuídas se aproximam de certa resignação do próprio Hans Robert Jauss na avaliação dos resultados obtidos com a revolução paradigmática dos anos 60/70, que prometiam uma reformulação do entendimento da literatura, da leitura e do seu ensino. Em que pese a distancia espacial e temporal parece-me oportuno evocar, neste âmbito, as conquistas e decepções expostas pelo teórico alemão.

O seu ensaio “Historia calamitatum et fortunarum mearum or: A Paradigm Shift in Literary Study”, idealizado como “piece of scholarly autobiography” (JAUSS, 1989, p.113) representa um depoimento pessoal acerca do envolvimento de um teórico da literatura envolvido em transformações de impacto substancial sobre os processos de investigação teórica e metodológica no campo dos estudos de literatura. O próprio título traduz essa intenção – história de minhas desventuras e venturas – pelo acréscimo que indica uma mudança paradigmática, no caso, com o advento da Estética da Recepção. No

documento analisado por Olinto, o autor oferece a sua visão acerca das razões que o levaram a abandonar, no final da década de 60, os caminhos das filologias tradicionais de cunho histórico-positivista a favor de uma teoria – e pedagogia – da literatura construída como processo de comunicação literária (OLINTO, 2005). Uma pequena comunidade científica então emergente, conhecida como Escola de Konstanz, tornou-se a primeira geração pós-guerra empenhada na renovação dos estudos de literatura no espaço institucional da recém criada universidade como reflexo das reformas de 68. Enquanto durante a reconstrução das universidades alemãs as filologias modernas se voltaram para os campos convencionais dos estudos literários baseados no historicismo neo-positivista, na análise formal do texto e de sua interpretação imanente, afastadas portanto de quaisquer controvérsias políticas e sociais, o projeto de Jauss acentuava e defendia, além da relevância científica também a relevância social de sua disciplina, como projeto articulado com a democratização do ensino. O autor vincula o seu empenho e a sua trajetória pessoal com o bem sucedido projeto científico por ele incentivado, naqueles anos iniciais, e de imensa repercussão no cenário dos estudos literários internacionais.

No entanto, o ensaio de 1989 termina em tom melancólico ao lembrar não apenas os gigantescos desafios na implantação do projeto no espaço disciplinar da universidade, mas sobretudo os obstáculos e o desinteresse em sua transposição para o ensino da literatura em geral.

A alusão às dificuldades aponta, antes de mais nada, as resistências enfrentadas *intramuros*, em consequência da reforma universitária. “Eu participei dela como integrante do primeiro grupo de professores convidados a criar o campo disciplinar integrado de ciência da literatura de orientação interdisciplinar”, dizia ele, ao explicar a intenção de projetar as suas reformas em direção a uma teoria da comunicação literária. “Para mim –

afirmava ele – a questão da experiência da arte, ou seja, da práxis estética, estava subjacente a todas as manifestações artísticas como atividade produtiva (*poiesis*), receptiva (*aisthesis*) e comunicativa (*katharsis*).” (JAUSS, 1989, p.122). Nesta ótica, a análise do texto literário demandava ser acrescida pela inclusão do leitor histórico e a reconstrução tanto do horizonte de expectativa implicado pela obra quanto do horizonte de expectativa do mundo vivencial do leitor. O grupo de Konstanz, sob orientação de Jauss e de Wolfgang Iser, se transformou de fato em escola e foi capaz de sobreviver “a todo tipo de problemas externos” e teve imensa repercussão em distintas fases de reforma universitária. Mesmo assim, o ensaio termina com sentimentos de frustração porque, na visão de Jauss, contrário às suas expectativas, o projeto da estética recepcional, tendo ganhado inquestionável prestígio internacional, na Alemanha não se transformou em programa modelar para os estudos de literatura em função de um alegado “controle oficial exercido sobre a educação e por causa de uma política universitária restritiva nos anos 70.” (p.124). Nas décadas subseqüentes emergiram diversos modelos concorrentes e a Estética da Recepção se tornou apenas um entre muitos, perdendo destaque entre os demais. No Brasil, a situação foi diferente. Os primeiros textos da Escola de Konstanz foram traduzidos no final da década de 70 e ganharam importância crescente na reflexão acadêmica, que continua intensa até hoje. Mas como programa de reforma do ensino permaneceu praticamente desconhecido e sem repercussão, sobretudo na produção de material didático para o Ensino Médio.

O segundo projeto sob análise foi desenvolvido, igualmente na Alemanha, durante os anos 80 e representa, por um lado, uma ampliação do primeiro, mas, por outro, uma mudança significativa do foco sobre o fenômeno literário. Na proposta de Siegfried Schmidt o acento na investigação colocado sobre teorias sistêmicas e teorias de ação comunicativa pode ser percebido, antes de mais nada, no deslocamento do olhar da unidade

do texto para os diferentes papéis atualizáveis por participantes concretos, ativos no sistema literário. Neste quadro emergem novas possibilidades de definir objetos e interesses de pesquisa que não se restringem à interpretação de obras particulares em função de interesses estéticos, mas se abrem à investigação da esfera literária global, em suas dimensões sócio-culturais, históricas e políticas (OLINTO, 2004). Estudos de literatura concebidos no quadro de teorias sistêmicas e teorias de ação não tematizam o texto literário como entidade autônoma, mas investigam diversas dimensões do sistema literatura, tais como produção, mediação, recepção e análise teórica de textos literários. Segundo Schmidt, textos são literários apenas na moldura dessas constelações acionais sociais concretas, em sistemas históricos definidos por determinados processos de socialização, necessidades cognitivas e afetivas, intenções e motivações gerais, e, ainda, por condicionamentos políticos, sociais, econômicos e culturais que correspondem aos sistemas de pressupostos de sua ação. Em função dessas articulações, textos são julgados e dotados de sentido. O acento de uma ciência da literatura sobre a esfera “difusa” do sistema literário e sua dinâmica é acompanhado, em nível teórico e empírico, pela procura e construção de quadros abrangentes capazes de tematizar essa transição. Estes modelos demandam, assim, a integração de outros contextos e esferas – “ainda que por enquanto não saibamos quais e quantos”, como diria o teórico da literatura – e, por isso, precisam articular as suas preferências teóricas com molduras eficientes para problematizar a complexidade de forma elástica e abrangente (SCHMIDT, 1986, p. 3). Para ele, o desafio maior situava-se, então, na elaboração de teorias e modelos que oferecem a possibilidade de investigar sistemas de diferenciação social altamente complexos, que analisem não só a pluralidade de papéis sociais, mas também as suas inter-relações variáveis *ad infinitum*.

A minha leitura de partes do repertório teórico de Jauss e Schmidt – acrescidas por reflexões de Harro Müller acerca de novos caminhos para uma historiografia literária – tem pretensões, desde o início, adjetivadas de modestas, que podem ser sintetizadas como oportunidade de refletir criticamente sobre novas propostas de compreensão do fenômeno literário, tornando o seu potencial criativo acessível para aqueles que, como eu, lidam diariamente com o ofício do ensino da literatura para um público, de modo geral, avesso ao investimento em questões teóricas, mas interessado na leitura de literatura.

Como professor de literatura do Ensino Médio, tenho acompanhado a discussão em torno da prática pedagógica proposta pelos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio que, ao incorporarem no estudo da linguagem, os conteúdos da literatura, passaram ao largo dos debates que a disciplina de fato mereceria. Nesse contexto é que meu interesse pela história da literatura cresceu, acompanhado pela prática de um ensino da disciplina, aqui entendido como conjunto de concepções e ações, que se tornou, a meu ver, inadequado. Nesta situação entendo o meu objetivo básico, nessa dissertação, como forma de colaboração para reverter esse processo de desprestígio que tem acompanhado a disciplina. Neste sentido, o meu projeto objetiva dinamizar e ampliar esse interesse com estratégias didáticas, fundamentadas por teorias em sintonia com estes desejos. E objetiva, ainda, um diálogo mais constante entre os diversos níveis de ensino.